

Apresentação do Grupo Perspectivas. Amor, ódio, ciúme.

Alejandra Ruíz Lladó

Há algum tempo formamos o Grupo Perspectivas em psicanálise, um grupo de trabalho dentro da Convergência que se propôs, entre outras coisas, a identificar as principais diferenças na psicanálise atual, tomando como referência aquelas que surgem dentro do próprio movimento. Entre essas diferenças, devemos levar em conta não apenas aquelas que surgem da história e das trajetórias de trabalho que traçaram certos caminhos, mas também aquelas que surgem das diversas geografias, culturas e especialmente as produzidas pela passagem das línguas, "porque o reconhecimento da diferença entre as línguas enriquece o trabalho psicanalítico e evita a hegemonia de uma língua sobre as outras".¹ Nos encontros dos analistas que trabalham de acordo com essas propostas, são numerosas as diferenças que se fazem ouvir, embora nem sempre sejam fáceis de captar, porque não há uma única linha de leitura nem uma única "linguagem psicanalítica". Em vez de considerar essa multiplicidade como um defeito, a Convergência optou por preservá-la, propondo "abrigar em seu seio o princípio de uma diferença fecunda presente nessa multiplicidade".³

Diante dessa diferença fecunda, da complexidade de sua leitura e produção, e das numerosas publicações que circulam entre os participantes, também queremos fazer a nossa contribuição. Por isso, o desafio que nosso grupo quer superar com a edição do *Lapsus Calami* é a publicação periódica de uma seleção de textos que representem algumas dessas diferenças fecundas sobre um tema escolhido a cada vez, para situar múltiplas perspectivas, lê-las e colocá-las para trabalhar por meio de um dispositivo que chamamos de notas de leitura. A tarefa não é fácil, pois cada um tende a argumentar a favor das posições mais próximas às suas, sem se esforçar o suficiente para compreender as razões e situá-las para enriquecer ou modificar sua própria posição. Situar as diferenças que se manifestam nos intercâmbios não significa estabelecer um mero confronto teórico sem desdobrar seus fundamentos, marcar uma presença no real da análise, situar a transferência nos diferentes momentos da obra de Freud e Lacan e o contexto em que ocorreram essas variações, tentar identificar as decisões de leitura tomadas por aqueles que produzem dentro desse quadro.

Para este primeiro número, apresentamos nossas notas de leitura. Como não poderia haver um lapsus calami de nossa parte, cada um deve encontrar o seu. Assinadas em nome próprio, essas notas refletem uma tentativa - fragmentária e incompleta - de constituir um certo dispositivo de leitura. Em vez de comunicá-las, trata-se de construí-las, agregando-as ao trabalho realizado durante as reuniões. Durante essas reuniões, utilizando uma linguagem mais simples do que aquela que

poderíamos usar nestas páginas, trocamos opiniões com direito ao desacordo, aprovamos ou rejeitamos enfaticamente o que nem sempre podemos justificar ou expressar por escrito.

Às vezes, grandes diferenças que parecem insuperáveis do ponto de vista teórico, ao serem escritas, revelam um traço clínico que as aproxima (porque na psicanálise não há mais teoria na clínica do que clínica na teoria). Também não se trata simplesmente de uma tradução, pois sabemos - na psicanálise - que dizer duas palavras diferentes nunca significa a mesma coisa (embora o copo possa sempre quebrar do mesmo lado). Às vezes, a partir das linhas marginais do argumento principal, permitimo-nos divagar, deixando-nos levar pelos ecos de certos comentários. Embora às vezes busquemos explicar ou esclarecer certos pontos levantados pelos autores e em outros momentos pratiquemos uma leitura transversal para acompanhar o percurso de um termo em diferentes textos, ou simplesmente usemos uma linha secundária do argumento principal, sempre colocamos em jogo os limites de nossa própria leitura enquanto tentamos renová-la. "[...] é por acaso: você não imagina quantos erros são cometidos ao escrever. O lapsus calami não é anterior ao lapsus linguae, mas pode ser concebido como um toque do real".

Diante da folha em branco, sempre nos deparamos com uma decisão, uma citação vem à mente, às vezes para apoiar o que escrevemos, às vezes para corrigi-lo ou acrescentar-lhe um sentido inesperado. Até poderíamos dizer que, ao tentarmos nos apropriar de uma certa afirmação de Lacan, também a estamos traduzindo, pois suas afirmações, longe de serem um apoio confortável em que se descansar, frequentemente apresentam, seja por meio da ironia ou do que escorrega no interdito, várias linhas de sentido que nem sempre aparecem com a clareza diáfana que esperávamos. Assim como na tradução de uma palavra por outra, perdemos matizes da língua de origem e ganhamos outros na língua de destino, da mesma forma, ao descontextualizar uma frase

e colocá-la em outro contexto, podemos dizer, se acreditarmos em Pierre Menard, que ela é e não é outra frase. Os obstáculos que surgem na tentativa de abordar questões na psicanálise nos permitem identificar alguns dos riscos que tentamos superar.

Por um lado, diante da dificuldade de identificar os critérios que sustentam uma determinada posição, os argumentos correm o risco de se moralizarem e os debates, em vez de estimular a produção de diferenças fecundas, podem transformar diferenças triviais em moedas que passam de mão em mão. Não se trata de usar as diferenças teóricas para confirmar nossa própria posição (embora esta possa sair fortalecida pelo confronto com outras opiniões). Longe de fazer avançar a psicanálise com sugestões e contribuições clínicas, vemos com pesar que o

narcisismo das pequenas diferenças, as exposições falsamente eruditas, a troca de slogans que, em vez de questionar o saber, pretendem exibi-lo, podem esgotar sua riqueza ou entediar as novas gerações com uma aparente complexidade vazia de conteúdo.

Por outro lado, testemunhamos um psicanálise midiático que, embora não intimide os leigos com sua extrema complexidade, nivelha a polifonia coral transformando-a em uma melodia publicitária. Existe um "Lacan para todos" que está muito longe de ser Lacan. A partir desse Lacan e de seus antigos novos leitores (que obviamente não são aquele novo leitor a quem Lacan se dirigia em seus Escritos), começamos a ler trabalhos monográficos e artigos que, pretendendo tornar a aplicação dos conceitos um procedimento válido para a psicanálise, abusam das citações e assumem que a precisão de uma boa afirmação pode nos proteger de questionar nossa própria enunciação. Em outras palavras, aqui falar não seria traduzir, já que os conceitos psicanalíticos poderiam ser comunicados de forma objetiva, neutra, sem questionar a enunciação envolvida quando são transmitidos. Os riscos da matéria com a qual lidamos nos lembram, mais uma vez, que não há um metalinguagem. Como Lacan faz o novato que ele classifica, não sem ironia, como corajoso dizer: "Não há campo onde alguém se exponha de maneira mais completa do que falando sobre a análise".

Quarenta e quatro anos após a primeira edição dos Escritos e quase quarenta anos após sua publicação em espanhol, várias gerações de analistas se sucederam na leitura e transmissão, não

apenas dos textos de Lacan, mas também da enunciação que apoiou e continua apoiando tal transmissão e da clínica que nos permite questioná-la. Essas são as perspectivas que nos interpelam, já que, como observou Lacan, embora desejemos que os escritos perdurem, "é mais o caso das palavras: porque delas a dívida indelével, pelo menos, fecunda nossas ações por meio de suas transferências". Para retomar um texto de Roberto Harari em homenagem a um mestre e amigo, diremos: diante da morte, não há apenas dor e tristeza, mas também um certo orgulho legítimo e uma alegria pelo que foi criado. A introdução de Harari a este texto retoma uma proposta de Goethe, citada por Freud: "O que você herdou, você deve adquirir para poder se apropriar dele". É essa enunciação, esta margem discreta de liberdade para traduzir e ao mesmo tempo se dirigir ao sujeito, que gostaríamos de nos apropriar, porque Harari soube levar até suas últimas consequências a problemática questão de que falar é, em mais de um sentido, traduzir.